



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação em Biblioteconomia

AS COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS PARA UM PROFISSIONAL APLICAR A
BIBLIOTERAPIA

Ana Clara Rocha dos Reis

Orientador: Profa. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Brasília

2022

Ana Clara Rocha dos Reis

AS COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS PARA UM PROFISSIONAL APLICAR A
BIBLIOTERAPIA

Monografia apresentada como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília

Orientador: Profa. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Brasília

2022

Ficha catalográfica

R375c

REIS, Ana Clara Rocha dos.

As competências necessárias para um profissional aplicar a bibliografia / Ana Clara Rocha dos Reis. – Brasília, 2022.

55 p.

Orientação: Profa. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Curso de Biblioteconomia, 2022.

Inclui bibliografia

1. Biblioterapia. 2. Aplicador de biblioterapia 3. Competência.
I. Caribé, Rita de Cássia do Vale, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: As competências necessárias para um profissional aplicar a biblioterapia

Autor(a): Ana Clara Rocha dos Reis

Monografia apresentada remotamente em **12 de abril de 2022** à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a) (FCI/UnB): Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Membro Interno (FCI/UnB): Dra. Fernanda de Souza Monteiro

Membro Interno (FCI/UnB): Dra. Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque

Em 19/04/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Clara Rocha dos Reis, Usuário Externo**, em 19/04/2022, às 15:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 20/04/2022, às 11:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Rita de Cassia do Vale Caribe, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 20/04/2022, às 14:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda de Souza Monteiro, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 26/04/2022, às 14:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orga_o_acesso_externo=0, informando o código verificador **7998574** e o código CRC **DB5D29D8**.

Referência: Processo nº 23106.043184/2022-33

SEI nº 7998574

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que escolhem
mudar o mundo a partir do autoconhecimento.

AGRADECIMENTOS

Eu quero primeiramente agradecer a mim mesma, por ter corrido atrás do que eu queria durante todos esses anos de graduação. Foram muitas conquistas e desafios, então agradeço à Ana Clara do passado por ter seguido em frente.

Agradeço aos meus pais, Leníria e Henrique, por terem confiado em mim, mesmo quando eu mesma estava incerta do meu caminho. Obrigada por serem o meu suporte e por sempre estarem ao meu lado, eu amo vocês.

Agradeço à minha irmã, Daniela, por estar sempre comigo, nas horas boas e ruins. Obrigada por todas as horas de diversão e conversa, você é e sempre será a melhor irmã do mundo.

Agradeço muito à minha orientadora, a maravilhosa Ritinha, que sempre esteve ao meu lado e conseguiu me guiar durante essa jornada que foi o TCC. Eu agradeço muito pela sua consideração, cuidado e carinho, eles foram muito importantes para que eu completasse esse trabalho da melhor forma possível.

Agradeço a todos os meus amigos que fizeram a diferença no meu dia a dia e me ajudaram a chegar até o final da graduação. Nós dividimos os momentos de alegria, de celebração, de tristeza e de cansaço e isso foi essencial pra mim. Vocês moram no meu coração.

Agradeço a todos os profissionais que disponibilizaram o seu tempo para realizar as entrevistas e me ajudaram a entender mais sobre a biblioterapia.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

Epígrafe

As histórias são bálsamos medicinais
Clarissa Pinkola Estés

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal a análise das competências necessárias para um profissional ser aplicador da biblioterapia. Para isso, foram adotados como objetivos específicos: estudar os conceitos e definições de biblioterapia, entender se o bibliotecário pode ser um aplicador de biblioterapia, definir o que são competências e estudar a percepção de profissionais atuantes na área de biblioterapia quanto as competências necessárias para o desenvolvimento dos trabalhos. O respectivo levantamento bibliográfico proporcionou uma melhor compreensão acerca do assunto discorrido e serviu de estímulo para este trabalho. No que tange a metodologia, foi feita uma pesquisa exploratória e descritiva, na qual foram empregados dois métodos, a pesquisa bibliográfica e a entrevista estruturada através de formulário. A entrevista foi realizada com nove profissionais que trabalham com a biblioterapia por meio de ligação telefônica. O estudo constatou que existem competências que são importantes para fazer um bom trabalho como aplicador de biblioterapia e conhecê-las pode facilitar para que novas pessoas atuem na área com mais segurança.

Palavras-chave: Biblioterapia; Aplicador de biblioterapia; Competência.

ABSTRACT

The present work has as main objective the analysis of the necessary competences for a professional to be a bibliotherapy applicator. To do so, it was adopted as specific objectives: to study the concepts and definitions of bibliotherapy, to understand if the librarian can be a bibliotherapy applicator, to define what competences are and to study the perception of professionals working in bibliotherapy regarding the necessary competences for the work development. The respective bibliographic survey provided a better understanding of the discussed subject and served as a stimulus for this work. Regarding the methodology, an exploratory and descriptive research was done, in which two methods were used, the bibliographic research and the structured interview through a form. The interview was conducted with nine professionals who work with bibliotherapy through a telephone call. The study found that there are skills that are necessary to do a good job as a bibliotherapy applicator and knowing them can make it easier for new people to work in the area in a more confident way.

Keywords: Bibliotherapy; Bibliotherapy applicator; Competence.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características dos três tipos de biblioterapia – p. 29

Quadro 2 – Requisitos profissionais para aplicar biblioterapia nos Estados Unidos – p. 36

Quadro 3 – Vantagens e desvantagens do formulário – p. 40

Quadro 4 – As características profissionais importantes para um aplicador de biblioterapia de acordo com o número de citações – p. 44

Quadro 5 – Os conhecimentos importantes para um aplicador de biblioterapia de acordo com o número de citações – p. 48

Quadro 6 – As habilidades essenciais para um aplicador de biblioterapia de acordo com o número de citações- p. 49

Quadro 7 – As atitudes necessárias para um aplicador de biblioterapia de acordo com o número de citações – p. 50

Quadro 8 – Competências indicadas pelos entrevistados para um profissional aplicar a biblioterapia – p. 52

Quadro 9 – Competências necessárias para um profissional aplicar a biblioterapia – p. 54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Brapci	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1	DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA.....	17
2.2	OBJETIVOS DA PESQUISA	18
2.2.1	Objetivo geral	18
2.2.2	Objetivos específicos	19
3	REVISÃO DE LITERATURA	20
3.1	O CONCEITO DE BIBLIOTERAPIA.....	20
3.2	PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	23
3.3	MÉTODO BIBLIOTERAPÊUTICO.....	26
3.3.1	Aplicações e tipos de biblioterapia.....	28
3.4	FUNÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO.....	31
3.5	COMPETÊNCIAS	33
3.6	APLICADOR DE BIBLIOTERAPIA	35
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	39
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	44
5.1	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	44
6	DISCUSSÃO E CONCLUSÃO.....	51
	REFERÊNCIAS	57
	APÊNDICE	60

1 INTRODUÇÃO

A função terapêutica da literatura é conhecida desde a antiguidade e permite que as pessoas pacifiquem as suas emoções.

A relação entre psique humana e literatura não é nova. Foi, inicialmente, alicerçada pelas emblemáticas observações psicanalíticas de Freud sobre a escrita como arte poética desde os gregos até alguns de seus representantes modernos como Shakespeare e Dostoiewski. Posteriormente, recebeu uma análise de Jung, que viu em Goethe, Spitteler, Nietzsche, Blake e Dante personalidades criativas e transformadoras do mundo. Enfatizada, também, pela linhagem marxista com Vygostky na psicologia infantil ou com a atividade de Sartre entre a literatura e a filosofia existencial, essa relação foi se confirmando em todo o século XX. (CALDIN, 2001a, p. 32)

A partir dessa capacidade terapêutica da leitura, surgiu a biblioterapia. A palavra biblioterapia está composta por dois termos de origem grega: *biblion* e *therapeia*. A primeira está relacionada a “livro”, enquanto *therapeia* significa “cura, remédio ou tratamento” (PEREIRA, 1996, p. 47). A sua primeira definição oficial foi apresentada pelo dicionário médico *Dorland's Illustrated Medical Dictionary*, em 1941, que o definiu como "o emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais" (ALVES, 1982, p. 55).

No contexto contemporâneo porém, a biblioterapia não pode ser resumida apenas enquanto terapia por meio da leitura de livros. Ela foi definida por Abreu, Zulueta e Henriques (2013, p. 96) como uma “[...] atividade com vertentes preventiva e terapêutica que, através da leitura de livros de ficção ou de autoajuda, individualmente ou em grupo, tem o propósito de facultar uma experiência recobrador da saúde, ou permitir um contínuo desenvolvimento, em qualquer idade.”.

Um trabalho como esse se torna essencial na vida na sociedade atual, que está tão conturbada com tantos acontecimentos desafiadores, como a pandemia do novo coronavírus (COVID-19). Esses acontecimentos juntamente com o estresse e a ansiedade cada vez mais presentes no dia a dia acabam abalando o emocional das pessoas. Assim trazendo a necessidade de buscar acolhimento terapêutico, seja ele aplicado em consultório psicológico ou através de outros métodos que promovem o autoconhecimento e o melhor entendimento das emoções, como a biblioterapia.

Então, para que esse tipo de trabalho possa ajudar cada vez mais pessoas, é importante que seja divulgado. A biblioterapia é um área de atuação reconhecida como parte da Biblioteconomia desde 1914, de acordo com Alves (1982), mas ainda assim não é amplamente conhecida ou trabalhada nos seus cursos de graduação no Brasil. A Biblioteconomia tem um

campo de atuação muito vasto e diverso, mas seus cursos possuem a tendência em focar mais nos estudos técnicos de organização e conservação das informações e dos acervos. Por consequência, acabam deixando de lado a perspectiva humana e social que pode ser trabalhada pelos bibliotecários, como a biblioterapia.

Desta forma, muitos estudantes nunca ouviram falar do campo ou o conhecem apenas de nome, sem saber realmente sobre o que se trata. Por isso, se um estudante de Biblioteconomia decide trabalhar como aplicador de biblioterapia, ele precisa buscar a capacitação por conta própria fora da Universidade. Porém, mesmo assim, ainda terá dificuldade de entender quais são as competências profissionais que são necessárias para o desenvolvimento pleno do trabalho, porque na literatura da biblioterapia isso não fica claro.

Para facilitar para alunos de Biblioteconomia que desejam atuar nessa área, esse trabalho teve como foco principal analisar as competências necessárias para um profissional aplicar a biblioterapia. Para conseguir reunir essas competências, foram realizadas entrevistas estruturadas através de um formulário com profissionais que trabalham como aplicadores de biblioterapia.

Para isso, foi fundamental desenvolver e atingir os seguintes objetivos específicos: estudar os conceitos e definições de biblioterapia, entender se o bibliotecário pode ser um aplicador de biblioterapia, definir o que são competências e estudar a percepção de profissionais atuantes na área quanto as competências necessárias para o desenvolvimento dos trabalhos.

O estudo é relevante na atualidade para o conhecimento científico em geral, pois nesse momento ainda não foram encontrados estudos recentes sobre o assunto publicados nas bases de dados pesquisadas.

O presente trabalho foi organizado em seis capítulos: o primeiro é dedicado a introdução que descreve de forma sucinta como a biblioterapia vem sendo trabalhada na área de Biblioteconomia e sobre como é importante reconhecer quais são as capacitações que um profissional do campo precisa ter para desenvolver o seu trabalho. O segundo capítulo foi destinado à justificativa e definição do problema, no qual é explicado qual foi a motivação para a produção desse trabalho. No terceiro capítulo foi realizada uma revisão de literatura dividida em seis tópicos: o primeiro, o segundo e o terceiro tópicos tratam sobre a biblioterapia em si, identificando os seus conceitos, a sua perspectiva histórica e os métodos pelos quais ela pode ser desenvolvida; o quarto tópico analisa a função do bibliotecário dentro da biblioterapia; no quinto tópico tem-se a definição do que são competências e no sexto tópico, o entendimento da

literatura de quem pode ser um aplicador de biblioterapia e quais são as capacitações essenciais para tal.

No quarto capítulo foram apresentados os procedimentos metodológicos que foram utilizados para a realização da pesquisa. No quinto capítulo, foi demonstrada a análise dos resultados das entrevistas. E no sétimo e último capítulo, foi relatada a discussão dos resultados encontrados nas entrevistas realizadas pela autora e a conclusão do trabalho.

2 CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

A leitura é uma prática que acompanha a maior parte das pessoas desde muito novas. Seu papel vai muito além da decodificação de signos linguísticos, ela é na verdade uma prática social e pode ser terapêutica se aplicada da forma correta. Segundo Ouaknin (2016), a palavra “terapia” tem um sentido curativo, mas também de prevenção. Isso quer dizer, que ela pode ser usada não só para curar, mas também para prevenir problemas de saúde.

Na sociedade contemporânea, várias pessoas possuem problemas emocionais, devido à diversos fatores como estresse do dia a dia, ansiedade, traumas, depressão, entre outros. Segundo as estimativas da Organização Mundial da Saúde (2017), mais de 322 milhões de pessoas têm depressão e 264 milhões sofrem de ansiedade. A biblioterapia tem o poder de amenizar os problemas enfrentados por essas pessoas.

Além disso, o bem-estar humano não é considerado apenas a ausência de doença, mas é uma perspectiva global, formada por bem-estar físico, social e mental. “Para alcançar este bem-estar global cooperam várias áreas do conhecimento: entre estas a biblioterapia afirma-se com potencialidades para colaborar no desenvolvimento e no equilíbrio do ser humano.” (ABREU; ZULUETA; HENRIQUES, 2013, p. 96).

A biblioterapia “[...] é uma forma de terapia realizada através da leitura de livros e materiais afins. Seu alvo são pessoas que estejam passando por dificuldades emocionais e/ou físicas.” (CALDIN, 2001a, p. 36). “A leitura de histórias propicia ao leitor extrair emoções reprimidas e incentiva a resolução de problemas. A leitura através de textos literários é capaz de se tornar curativa e alterar o estado psíquico do leitor, de forma a amenizar os sofrimentos e transtornos.” (SOUSA; SANTOS; RAMOS, 2013, p. 4). A partir da biblioterapia, é possível o leitor buscar se identificar com a história e com os personagens, podendo assimilar formas de resolver problemas internos e externos da própria vida. Ele pode dialogar com o autor da história e entrar em um universo de possibilidades de mudança de espírito.

Porém, a leitura sozinha não pode ser considerada como terapia. Para isso, é necessário o acompanhamento de um profissional capacitado para direcionar a leitura. “A técnica da Biblioterapia está além de apenas proceder à leitura. Envolve a escolha de conteúdos, tipos de texto, tamanho e ritmo de leitura, adequados para o resultado esperado.” (RUDAKOFF, 2014, p. 8)

Esses profissionais podem ser de mais de uma área do conhecimento, porque a “[...] biblioterapia não se limita a uma área de atuação, já que envolve práxis, técnicas e métodos multidisciplinares, que contam com a participação não só do bibliotecário, mas também de outros profissionais, como psicólogos, assistentes sociais, médicos, entre outros.” (ASSIS; SANTOS; JESUS, 2019, p. 44)

Para realizar esse trabalho, os profissionais devem desenvolver competências específicas. Miranda (2004, p. 114) explica que competências podem ser definidas como um “[...] conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes correlacionados que afeta parte considerável da atividade de alguém e se relaciona com o desempenho. Pode ser medida segundo padrões preestabelecidos.”

As competências podem e devem ser desenvolvidas durante a graduação, porém, para o bibliotecário essa ainda não é uma realidade. De acordo com Kinney (1962), apesar de a biblioterapia ser considerada um campo de atuação para os bibliotecários, os cursos de graduação ainda não possuem em seu currículo matérias específicas sobre o assunto, já que os eles ainda estão muito focados na Biblioteconomia tradicional. Essa era uma realidade em 1962 e continua sendo a realidade atual, como demonstram Assis, Santos e Jesus (2019), ao realizar uma pesquisa com estudantes de Biblioteconomia da UFBA. As autoras concluíram que apesar de os estudantes conhecerem um pouco sobre a biblioterapia, eles não se sentem preparados para atuar na área somente com a formação da graduação.

A função do bibliotecário na biblioterapia pode trazer diversos benefícios à prática, mas ela não está bem definida na literatura. Não são explicitadas com exatidão quais são exatamente as devidas atividades a serem desempenhadas no processo biblioterapêutico e quais são as competências que ele precisa desenvolver para aplicar esse trabalho.

Partindo desse pressuposto, foi elaborada a seguinte pergunta norteadora: quais são as competências necessárias para um profissional aplicar a biblioterapia?

2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

2.2.1 Objetivo geral

Analisar as competências necessárias para um profissional aplicar a biblioterapia.

2.2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos são:

- Descrever os conceitos e definições de biblioterapia;
- Entender se o bibliotecário pode ser um aplicador de biblioterapia;
- Descrever os conceitos de competências;
- Levantar a percepção de profissionais atuantes na área de biblioterapia quanto as competências necessárias para o desenvolvimento dos trabalhos.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Para a construção e embasamento, a revisão de literatura foi realizada por meio de levantamento bibliográfico em diversas fontes de informação:

- Artigos e livros voltados para o tema em questão;
- Bases de dados, especialmente a Brapci e ScIELO;
- Biblioteca Digital de Monografias (BDM) da Universidade de Brasília;
- Portal de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES);
- Repositório institucional da UnB;
- Sites de revistas especializadas na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação e
- Base de dados de teses e dissertações (BDTD)

Foram utilizadas as seguintes palavras-chave nas buscas: “biblioterapia”, “bibliotherapy” e “biblioterapeuta”.

A identificação de fontes bibliográficas nas bases de dado ScIELO e BRAPCI foi realizada utilizando os termos “biblioterapia”, “*bibliotherapy*” e “biblioterapeuta” foram recuperados 119 documentos. Já no Portal de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) foram recuperados 123 resultados com o termo “biblioterapia”, sendo 75 em inglês, 49 em português e 45 em espanhol.

Além disso, para o aprofundamento do campo de pesquisa, foram pesquisados artigos referenciados nos documentos analisados. Assim, foi possível adquirir uma quantidade maior de informações de qualidade acerca do tema.

Desta forma, foram analisados textos em português, inglês e espanhol, em documentos variados, principalmente da área da Biblioteconomia e da Ciência da informação, sendo esses documentos predominantemente livros, dissertações, monografias, artigos e periódicos.

3.1 O CONCEITO DE BIBLIOTERAPIA

"Ler é, antes de tudo, um acontecimento solitário, um encontro privado com outro mundo, sozinho com o livro, sozinho consigo mesmo." (OUAKNIN, 2016, p. 24, tradução nossa). Mas a literatura também pode ser um evento público se for realizada de forma coletiva, ou seja, quando a história é narrada ou há uma leitura conjunta. A biblioterapia se interessa por ambas as modalidades.

Sousa, Santos e Ramos (2013) explicam que a leitura como processo biblioterapêutico possibilita que pessoas que estão sofrendo com problemas mentais e/ou físicos consigam extrair maneiras de resolução para seus próprios problemas. Assim, elas podem melhorar sua condição de vida com histórias cativantes e de superação. Segundo Estés (2018, p. 29), “a cura para qualquer dano ou para resgatar algum impulso psíquico perdido está nas histórias. Elas suscitam interesse, tristeza, perguntas, anseios e compreensões [...]”. As histórias dão orientações e instruções para entender as complexidades da vida.

“A função terapêutica da leitura admite a possibilidade de a literatura proporcionar a pacificação das emoções.” (CALDIN, 2001a, p. 32). Os leitores buscam se identificar com os personagens e com a história, para extraírem formas para resolverem seus próprios conflitos, tanto internos, quanto externos. Por isso, o resultado dessa terapia tende a ser positivo e a recompensar o leitor. “Um livro é muito menos ameaçador, muito menos exigente, e ainda assim pode oferecer muito no sentido de comunicar situações humanas e permitir ao leitor aplicá-las a sua própria realidade.” (PEREIRA, 1996, p. 65).

Além disso, é possível que o leitor dialogue com o autor da história, para adentrar um processo de mudança de espírito. “Ler não só faz sair da depressão, mas pode, de diferentes maneiras, possibilitar uma reinserção em uma temporalidade harmônica em que o futuro tira sua força do passado e em que a memória dá asas à esperança.” (OUAKNIN, 2016, p. 62, tradução nossa).

A palavra biblioterapia está composta por dois termos de origem grega: *biblion* (livro) e *therapeia* (terapia). Ouaknin (2016) demonstra então que a partir dos termos, pode-se definir biblioterapia como “a terapia por meio dos livros”. Segundo Caldin (2001a), o sentido original da palavra *therapeia*, vai muito além de terapia, significa na verdade “cuidar do ser”. Então, a autora demonstra que biblioterapia também poderia ser definida como “o cuidado do ser por meio dos livros”.

A biblioterapia em si, utilizando esse nome especificamente, só foi conceituada no século XX, quando ficou conhecida a leitura compartilhada juntamente com a discussão em grupo. “Isso implica o uso de materiais de leitura que nutrem a saúde mental, a presença de um profissional que atue como mediador da leitura e um público-alvo que aceite participar de um programa de leitura.” (CALDIN, 2010, p. 13) Isso também implicou na diversificação de ambientes nos quais a biblioterapia era aplicada, porque antes era restrita somente a hospitais. Ela se estendeu a creches, escolas, orfanatos, prisões, casas de repouso, asilos e centros comunitários, podendo ser direcionada a todos os tipos de pessoas e faixas etárias.

Diversos pesquisadores já estudaram a biblioterapia, principalmente no campo da Biblioteconomia. Caldin (2001a) cita diversos autores ao longo do tempo que conceituaram a biblioterapia e definiram seus objetivos, baseado nos estudos de Caroline Shrodes, de 1949. O estudo de Shrodes foi considerado muito importante na área por reunir diversos pesquisadores da área, sendo considerado o marco da fundamentação teórica da biblioterapia. A partir disso, ela criou sua própria definição:

A leitura implica uma interpretação – que é em si mesma uma terapia, posto que evoca a ideia de liberdade – pois permite a atribuição de vários sentidos ao texto. O leitor rejeita o que lhe desgosta e valoriza o que lhe apraz, dando vida e movimento às palavras, numa contestação ao caminho já traçado e numa busca de novos caminhos. A biblioterapia contempla não apenas a leitura, mas também o comentário que lhe é adicional. (CALDIN, 2001a, p. 36)

Segundo Sousa, Santos e Ramos (2013, p. 2), a “biblioterapia é uma forma de terapia realizada por meio da leitura de livros e materiais afins. Seu alvo são pessoas que estejam passando por dificuldades emocionais e/ou físicas.” Para Valência e Magalhães (2015), a biblioterapia tem o potencial de modificar atitudes e comportamentos dos pacientes, ou até mesmo, solucionar um problema apresentado. Segundo elas, a leitura se inicia como um processo particular e individual, no qual a pessoa assimila as informações de seu interesse e adquire conhecimentos e percepções do livro, de acordo com as suas próprias vivências.

Ouaknin (2016, p. 30, tradução nossa) explica que “a biblioterapia hermenêutica se baseia na ideia de que não há acesso ao tempo humano senão pela história, que o livro é um objeto-tempo, um ‘objeto que carrega o tempo’, e que a leitura interpretativa é uma ‘pequena fábrica de tempo’ e identidade narrativa”.

A biblioterapia também pode ser considerada:

[...] uma atividade com vertentes preventiva e terapêutica que, através da leitura de livros de ficção ou de autoajuda, individualmente ou em grupo, tem o propósito de facultar uma experiência recobradoria da saúde, ou permitir um contínuo desenvolvimento, em qualquer idade do ciclo vital. (ABREU; ZULUETA; HENRIQUES, 2013, p. 96).

Já de acordo com Sousa e Caldin (2017, p. 490), “apesar de ser comumente associada a doentes e ser muito difundida em ambientes hospitalares, a Biblioterapia serve para todas as pessoas, não só para aquelas que foram diagnosticadas com algum tipo de doença.”. Ferreira (2003, p. 38) explica que a biblioterapia “[...] é uma técnica de mudança de comportamento através do autoconhecimento e que utiliza as qualidades racionais (intelecto, inteligência, compreensão cognitiva) e emotivas dos indivíduos que se submetem a ela, para obter uma

modificação do seu comportamento.” Já Tews (1962 apud PEREIRA, 1996, p. 53) definiu a biblioterapia como “um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais de leituras, planejadas, conduzidas e controladas como um tratamento sob orientação do médico, para solução de problemas emocionais ou outros.”.

A biblioterapia se difere da psicoterapia, por não se configurar como o encontro do terapeuta e paciente, mas do encontro entre o ouvinte e leitor, com o texto exercendo o papel de terapeuta. “A troca de interpretações é o mais importante no diálogo biblioterapêutico. As palavras, os gestos, os sorrisos, os encontros, enfim, são terapêuticos à medida [em que] fornecem a garantia de que não estamos sozinhos. O texto une o grupo.” (CALDIN, 2001b, p. 61).

Não é o leitor ou o contador de histórias que realiza a terapia, é o próprio texto que a faz, sujeito a interpretações diferentes por pessoas diferentes. Tanto é o texto que “cura” que já foi sugerido, inclusive, o uso do termo literapia, unindo literatura e terapia, com ênfase no literário e no ficcional. Permanece, entretanto, o uso do termo tradicional, biblioterapia. (CALDIN, 2001b, p. 68)

A biblioterapia possui quatro objetivos principais, sendo eles: o intelectual (melhorar o conhecimento para analisar as situações), social (construir um sentimento de pertencimento e de respeito ao próximo), emocional (desenvolver um crescimento emocional) e comportamental (promover amadurecimento e construir um comportamento socialmente aceitável) (SCLABASSI, 1973).

3.2 PERSPECTIVA HISTÓRICA

Ouaknin (2016) pesquisou a perspectiva histórica da terapia para conceituar corretamente a biblioterapia. Ele cita que o termo “terapia” assume no texto bíblico um significado que abrange também a prevenção. Ele reflete que a leitura já era utilizada por causa de seus efeitos terapêuticos desde as civilizações egípcia, grega e romana.

A leitura pode ter efeito terapêutico e o seu conhecimento não é novo. Segundo Caldin (2001a), o efeito terapêutico da leitura remonta a Aristóteles, que analisava o efeito da catarse, ou seja, a liberação de emoções por meio da tragédia no teatro. Mas o efeito da relação entre as emoções e a literatura especificamente foi inicialmente analisada por Freud a partir do ponto de vista da Psicanálise.

Ferreira (2003) aponta que existem muitos registros sobre o uso da leitura como terapia. No antigo Egito, o Faraó Ramsés II colocou no frontispício de sua biblioteca a frase “remédios

para a alma”, além do fato das bibliotecas egípcias ficarem localizadas em templos denominados “casas da vida”, já que eram locais de conhecimento e espiritualidade. “Pode-se dizer que, para os egípcios, a leitura era considerada um ato sagrado, muito além de uma atividade para distração ou passatempo.” (OLIVEIRA *et al.*, 2012, p. 46).

Ferreira (2003) também especifica que o romano Aulus Cornelius Celsus associou a leitura ao tratamento médico ao recomendar discussão e leitura de obras para o desenvolvimento do lado crítico de pacientes. Já os gregos associaram os livros como forma de tratamento médico e espiritual, ao denominarem suas bibliotecas como “a medicina da alma”. O Hospital Al Mansur recomendava como parte do tratamento médico, a leitura do Alcorão, em 1272. A biblioteca da Abadia São Gall, durante a Idade Média, tinha inscrita a frase “tesouros dos remédios da alma”.

De acordo com Alves (1982), por volta de 1800 nos Estados Unidos, Benjamim Rush foi um dos primeiros americanos a recomendar a literatura para pessoas com doenças mentais. “No seu livro *‘Medical inquiries and observations upon the diseases of the mind’*, ele aconselha o uso da leitura como forma de apoio à psicoterapia, não só para doentes mentais, mas para pessoas portadoras de conflitos internos, melancolia, medos, manias ou, mesmo, para idosos.” (ALVES, 1982, p. 55).

Caldin (2001b) explica que a palavra biblioterapia foi utilizada pela primeira vez em 1916, no artigo *Literatura clínica* do autor Samuel Crothers. O dicionário médico *Dorland's Illustrated Medical Dictionary* definiu o termo pela primeira vez, em 1941, como "o emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais" (ALVES, 1982, p. 55). A palavra já tinha sido usada anteriormente, mas nunca tinha recebido uma definição.

A biblioterapia se tornou definitivamente um campo de pesquisa a partir da década de 1930, “[...] destacando-se as biblioterapeutas Isabel Du Boir e Emma T. Foreman, principalmente esta última, que insistiu para que a Biblioterapia fosse vista e estudada como uma ciência e não como arte.” (FERREIRA, 2003, p. 37).

Segundo Caldin (2001), Caroline Shrodes desenvolvia estudos sobre a aplicação da literatura como terapia desde 1943 e, em 1949, obteve o título de Doutora em Filosofia e Educação na Universidade de Berkeley, na Califórnia, com a tese *Bibliotherapy: a theoretical and clinical - experimental study*. “Shrodes sugeriu que as experiências formadoras do ser humano incluem a poesia, o drama e o romance - consistindo o homem em um produto de sua experiência total de vida.” (CALDIN, 2001b, p. 63). Esse estudo explorou a parte teórica e prática da biblioterapia.

Ferreira (2003) aponta que em 1951, surgiu o segundo Ph.D, Esther A. Hartman, da Universidade de Stanford, com a tese *A literatura imaginativa como uma técnica projetiva: um estudo de Biblioterapia*. “Em 1975, Mary Jane Ryan afirma, em um artigo de periódico, que a Biblioterapia era uma arte, e não uma ciência. No final da década de 1950, em um outro artigo, Richard Darling coloca a ideia de que a biblioterapia também poderia ser usada com fins preventivos.” (FERREIRA, 2003, p. 37).

O *Webster's Third International Dictionary* definiu biblioterapia em 1961, como: “‘uso de material de leitura selecionada, como adjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia’ e também: ‘guia na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida’, tendo sido essa adotada oficialmente pela Associação para Bibliotecas de Hospitais e Instituições.” (ALVES, 1982, p. 55).

Em 1973, Sharon Henderson Sclabassi organizou uma revisão de literatura sobre biblioterapia e descreveu a literatura como um instrumento terapêutico.

Observou que, pela ausência de um método aprovado, a biblioterapia foi aplicada por meio de ensaio e erro na década de 50. Apontou os progressos obtidos no workshop de três dias realizado em 1964 pela Associação Americana Bibliotecária e colocou, entre as dificuldades encontradas, a necessidade de pesquisa adicional sobre o assunto. (CALDIN, 2001b, p. 65).

Caldin (2001b, p. 66) explicita que no Brasil, uma pesquisadora chamada Ângela Maria Lima Ratton publicou o artigo *Biblioterapia* em 1975, no qual “[...] ressaltou os efeitos benéficos da leitura, tanto a realizada de forma espontânea quanto de forma dirigida, nas escolas, hospitais, prisões, na profilaxia e cura de problemas psicológicos.” Sugeriu que ainda seria necessário realizar mais pesquisas para obter maior compreensão do campo e a aumentar importância da biblioterapia.

Outra pesquisadora brasileira, Maria Stela Orsini, publicou em 1982, o artigo *O uso da literatura para fins terapêuticos*. “Considerou a biblioterapia como um modo de comunicação e fez referência ao uso de livros como recurso terapêutico não só em medicina e psiquiatria, como também como auxílio na solução de problemas pessoais por meio de leituras dirigidas.” (CALDIN, 2001b, p. 67).

Segundo Oliveira *et al.* (2012), na década de 1990 foi criada a Casa da Leitura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Já em 2000 teve início o projeto Biblioteca Viva em Hospitais, apoiado pelo Ministério da Saúde (MS) e outras experiências de implantação da biblioterapia com crianças em hospitais universitários, como: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Hospital

Universitário Infantil Albert Sabin (HIAS), no Ceará, e o Núcleo de Apoio a Criança com Câncer (NAAC), na Paraíba.

Ferreira (2003, p. 37) explica que “atualmente a Biblioterapia é um campo de produção científica e de atuação profissional que envolve médicos, psicólogos, educadores, bibliotecários, assistentes sociais, psiquiatras e terapeutas de diversas correntes.”

3.3 MÉTODO BIBLIOTERAPÊUTICO

O método biblioterapêutico “[...] consiste em uma dinamização e ativação existencial por meio da dinamização e ativação da linguagem. As palavras não são neutras. A linguagem metafórica conduz o homem para além de si mesmo; ele se torna outro, livre no pensamento e na ação.” (CALDIN, 2001a, p. 37).

Caldin (2001a) explicita que o diálogo é considerado como fundamental para o processo biblioterapêutico, porque é a partir das diversas interpretações e dos comentários, que cada pessoa manifesta a sua verdade. Além disso, a conversação provoca a reflexão e ajuda as pessoas a fazerem diferentes interpretações das situações. Valência e Magalhães (2015) explicam que esse diálogo proporciona a troca de gestos e a expressão dos sentimentos, o que diferencia a biblioterapia dos outros tipos de atividades de incentivo à leitura.

Não se nega o potencial terapêutico do encontro entre livro e leitor, sem intermediários. Considera-se entretanto, a terapia por meio de livros mais eficaz quando se processa em grupo, ou, então, entre duas pessoas – uma prática solidária que mescla intersubjetividade, intercorporeidade, descentramento, e é complementada pela imaginação, pelas expectativas e pelas lembranças de todos os que tomam parte nas atividades biblioterapêuticas. (CALDIN, 2010, p. 14)

Dessa forma, é imperativo que a biblioterapia seja aplicada em grupo ou pelo menos em dupla, porque “além da leitura, os comentários, os gestos, os sorrisos, os encontros são também terapêuticos à medida que fornecessem a garantia de que não estamos sozinhos. O texto une o grupo.” (CALDIN, 2001a, p. 37). Segundo Caldin (2010), é importante frisar que todas as atividades da biblioterapia são voluntárias, portanto deve ser sempre respeitado o posicionamento dos clientes/usuários quando eles decidem que não querem participar de alguma etapa das atividades propostas.

Em seus estudos, Caroline Shrodes “entendeu [...] que a dinâmica da experiência estética, sob o impacto da literatura ficcional, poderia levar o ser humano a certos processos de

adaptação e crescimento tais como a identificação, a catarse e a introspecção, todas de função terapêutica.” (CALDIN, 2001b, p. 63).

Caldin (2001a) explica que a biblioterapia é formada por seis componentes: a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a projeção e a introspecção. Não necessariamente vão acontecer todas essas etapas e elas também podem acontecer em uma ordem diferente.

A catarse é um conceito criado por Aristóteles sobre espetáculos trágicos e a sua capacidade de provocar e transformar emoções. Na biblioterapia, ela é entendida como a pacificação, ou seja, é o alívio emocional causado a partir da prática. De acordo com Caldin (2001b, p. 68), também “[...] pode ser entendida como moderação das emoções, serenidade e alívio.” Porque o ser humano “[...] anseia manter a harmonia para se constituir no ser são – pois somente o ser sadio é o ser total, completo. Assim, ao tirar de nós um peso insuportável de ser carregado, a catarse alivia o mal que interrompe o fluxo da saúde e abre caminho para a plenitude do ser.” (CALDIN, 2010, p. 124).

O humor foi caracterizado como “[...] a rebelião do ego contra as circunstâncias adversas, transformando o que poderia ser objeto de dor em objeto de prazer. É a ação do superego agindo sobre o ego a fim de protegê-lo contra a dor.” (FREUD, 1969 apud CALDIN, 2001a). Ou seja, é a forma que o indivíduo utiliza para se proteger da dor.

A identificação é considerada, a partir da teoria freudiana “[...] um fator importante no desenvolvimento da personalidade que se inicia ainda na primeira fase, a oral, e irá se acentuar nas fases seguintes. A criança tenta copiar o outro que lhe agrada com seus gestos, manias, atitudes e aspectos.” (VALÊNCIA; MAGALHÃES, 2015, p. 14). É um mecanismo psicológico que permite aos indivíduos vivenciarem as situações por meio da imaginação. Ela é um processo de assimilação com um aspecto, propriedade ou atributo de outro sujeito, que se transforma em um modelo para o próprio indivíduo. É nesse processo que surge a afetividade com os personagens do livro.

A introjeção está ligada à fase de identificação. Nesse processo, “[...] o indivíduo interioriza os aspectos desejáveis dos personagens da ficção, experimentam situações que na vida real não se sente capaz de suportar e atribui a si qualidades destes personagens, absorvendo-as como se fossem suas.” (VALÊNCIA; MAGALHÃES, 2015, p. 14). Esse termo foi introduzido por Sandor Ferenczi (1909 apud CALDIN, 2010) “[...] para designar, em simetria com o mecanismo de projeção, o modo como um sujeito introduz fantásticamente objetos de fora no interior de sua esfera de interesse.”

A projeção também está relacionada à identificação. Ela “[...] é a transferência aos outros de nossas ideias, sentimentos, intenções, expectativas e desejos.” (CALDIN, 2001a, p. 39). A pessoa transmite tudo que foi assimilado por meio do diálogo para o grupo. Segundo Laplanche e Pontalis (1994 apud CALDIN, 2010), ela é “[...] uma operação na qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo ‘objetos’ que ele desconhece ou recusa nele [...]”.

Caldin (2010) esclarece que na biblioterapia, a projeção e a introjeção estão interligadas ao universo ficcional apresentado pela leitura ao público-alvo. Então o sujeito repele ou assimila as características do personagem.

Já a introspecção é caracterizada pela aplicação na sua vida de tudo que foi lido e entendido à partir da reflexão sobre os próprios sentimentos. Ela consiste em “[...] uma auto-observação, um processo mental consciente, um exame dos próprios pensamentos desejos e sensações. A finalidade de tal método é o relato minucioso das respostas aos estímulos a que o sujeito foi submetido, proporcionando-lhe uma autoavaliação.” (CALDIN, 2010, p. 169). Nessa fase, o indivíduo tem a possibilidade de realizar mudança comportamental.

3.3.1 Aplicações e tipos de biblioterapia

Sobre suas aplicações, “a biblioterapia tem sido utilizada em hospitais, prisões, asilos, e no tratamento de problemas psicológicos em crianças, jovens, adultos, deficientes físicos, doentes crônicos e viciados.” (CALDIN, 2001a, p. 39). Consiste em uma prática multidisciplinar, envolvendo a Biblioteconomia, a Literatura, a Educação, a Medicina, a Psicologia, Assistência Social e a Enfermagem.

Rubin (1978 apud ABREU; ZULUETA; HENRIQUES, 2013) estabeleceu três tipos de biblioterapia: institucional, clínica e desenvolvimental.

1. A biblioterapia institucional faz o uso da literatura didática aplicada individualmente ou em grupo com a função de ser recreativa, trazer informação e conhecimento, além de ajudar no desenvolvimento de pessoas e na tomada de decisões. É aplicada por uma equipe formada por médicos, bibliotecários, educadores, assistentes sociais, entre outros profissionais. Também inclui o uso da comunicação de forma privada dos médicos com pacientes individuais;
2. A biblioterapia clínica é exercida por psiquiatras, psicólogos, terapeutas ocupacionais, bibliotecários, dentre outros profissionais. Ela é exercida em hospitais, institutos e

comunidades e objetiva a compreensão dos sentimentos do leitor e análise das suas transformações de comportamentos. É essencialmente desenvolvida em grupo com a leitura em voz alta e diálogo após o texto. Os pacientes são encorajados a demonstrar seus problemas emocionais e comportamentais. Ao final do programa biblioterapêutico, é analisado se houve uma evolução médica nos pacientes;

3. A biblioterapia do desenvolvimento objetiva o desenvolvimento das potencialidades emocionais, sociais e intelectuais dos indivíduos, além de uma avaliação do próprio indivíduo sobre sua situação na perspectiva do outro. Pode ser aplicada para crianças, jovens, adultos e idosos. A aplicação desse tipo de biblioterapia pode ser realizada por bibliotecários, assistentes sociais, professores e educadores. Neste caso o livro é considerado o terapeuta.

Não existe, porém, consenso para essa tipologia. Para Pereira (1996), a biblioterapia institucional é desenvolvida com pacientes em hospitais e a biblioterapia clínica trabalha com pessoas com problemas emocionais ou comportamentais, conforme apresentado no quadro 1

Quadro 1 – Características dos três tipos de biblioterapia

	INSTITUCIONAL	CLÍNICA	DESENVOLVIMENTAL
Formato	Individual ou grupo, geralmente passivo	Grupo ativo, voluntário e involuntário	Grupo ativo e grupo passivo
Cliente	Paciente médico ou psiquiátrico, prisioneiro ou cliente em prática privada	Pessoas com problemas emocionais ou comportamentais	Pessoa normal, geralmente em situação de crise
Contratante	Sociedade	Sociedade ou individual	Individual
Terapêutica	Equipe médica ou bibliotecária	Médico, instrutor de saúde mental ou bibliotecário geralmente em consulta	Bibliotecário, professor ou outros
Material usado	Tradicionalmente didático	Literatura imaginativa	Literatura imaginativa e/ou didática
Técnica	Discussão de material	Discussão de material, com ênfase nas visões e reações do cliente	Discussão de material, com ênfase nas visões e reações do cliente
Local	Prática de instituição pública ou privada	Prática de instituição privada ou de comunidade	Comunidade
Meta	Geralmente informativo, com alguma visão interna	Visão interna e/ou mudança de comportamento	Comportamento normal e autorrealização

Fonte: elaboração própria a partir de PEREIRA (1996, p. 59).

Já Cristiana Seixas (2018) classifica a biblioterapia somente em dois tipos: a biblioterapia clínica e a biblioterapia de fruição. A biblioterapia clínica “é aquela que toca na ferida, dialoga com ela, ressignifica-a e busca incorporá-la e cicatrizá-la.” (SEIXAS, 2018, p. 93), ou seja, ela vai de encontro direto às dores da pessoa. Já a biblioterapia de fruição ocorre “[...] quando o objetivo é desviar da dor, mudar de assunto, ir para um outro lugar, exercer a liberdade interior, impregnar-se de beleza, exercer a capacidade de ser maior do que os dramas e condições que nos cercam.” (SEIXAS, 2018, p. 93).

Para Balcunas (2008 apud ABREU; ZULUETA; HENRIQUES, 2013), existem dois tipos de biblioterapia: a clínica e a de prevenção. A clínica é desenvolvida por psicólogos e psiquiatras e é destinada a doentes graves. E a de prevenção é indicada para pessoas saudáveis

organizadas em grupos. Ela objetiva a reflexão e a prevenção de doenças, tanto físicas quanto mentais.

3.4 FUNÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

“O bibliotecário, além de atender às necessidades informacionais, intelectuais, precisa estar voltado para as questões sociais e emocionais dos seus usuários, da sociedade de modo geral, sempre que for possível.” (VALÊNCIA; MAGALHÃES, 2015, p. 16).

O bibliotecário é um dos profissionais que lida com a informação, destacando as atividades de seleção, organização, disseminação e preservação das informações e dos acervos (GUEDES, 2013). A função dele na biblioterapia pode trazer diversos benefícios à prática, mas ainda está obscuro na literatura quais são exatamente as atividades que o bibliotecário pode desempenhar no processo biblioterapêutico e quais são as competências que ele precisa desenvolver para aplicar esse trabalho.

Enfatizado por Oliveira *et al.* (2011) esse é um ponto defasado no ensino da Biblioteconomia no Brasil, visto que é necessário que suas grades curriculares tenham disciplinas voltadas para o trabalho social, demonstrado pelas várias atuações existentes no mercado de trabalho atual para o bibliotecário, para que se torne um profissional capacitado, por exemplo, para atuar como biblioterapeuta qualificado, porque não é com uma simples leitura que o tratamento terapêutico será alcançado. (VALÊNCIA; MAGALHÃES, 2015, p. 16)

Valência e Magalhães (2015) enfatizam a imperatividade de que o trabalho biblioterapêutico seja interdisciplinar e que há profissionais adequados para cada instituição na qual será aplicada, como: o profissional de saúde para hospitais, clínicas e casas de repouso; profissionais da área da educação para creches, escolas e orfanatos; e assistentes sociais para prisões, instituições correccionais e centros comunitários.

De acordo com Rubin (1978 apud ABREU; ZULUETA; HENRIQUES, 2013) a biblioterapia pode sim ser desenvolvida por bibliotecários sem que mudem de designação profissional, porém eles não podem ser chamados de biblioterapeutas. Eles são bibliotecários que praticam a biblioterapia como um serviço a mais, dentro das suas atividades.

Abreu, Zulueta e Henriques (2013) explicam que na biblioterapia, a principal razão é servir o utilizador. E por natureza, a profissão do bibliotecário é dar ajuda informacional, orientar e guiar a leitura. Sua vantagem para os outros profissionais, é o fato de saber lidar com todo o tipo de assunto.

Em sua proposta de implantação de programas de biblioterapia em São Luís, para instituições que trabalham com deficientes visuais, Rudakoff (2014) ressalta que há a necessidade da presença do profissional bibliotecário nas instituições. Este objetiva divulgar as atividades voltadas à leitura, além de ser “[...] responsável por organizar, catalogar e difundir os conhecimentos encontrados nas bibliotecas e será responsável por conservar e transmitir o conhecimento e a cultura presente nos livros.” (RUDAKOFF, 2014, p. 17).

Kinney (1962) considera que os bibliotecários estão preparados para a orientação da leitura, mas para serem aplicadores de biblioterapia precisam adquirir mais conhecimento sobre o nível de leitura dos leitores, além de ter conhecimento dos princípios básicos da psicologia clínica. Também precisam ter experiência de trabalho em uma biblioteca e um conhecimento vasto de literatura. Além disso, precisa saber avaliar o significado emocional das respostas do leitor.

O bibliotecário atua na biblioterapia como um mediador, auxiliando na interpretação das leituras e dando oportunidade ao indivíduo para se envolver no processo terapêutico com tudo o que ele envolve. O conjunto de todas essas atividades possibilita “[...] o desenvolvimento de um processo interativo de valores, ações e sentimentos, direcionado ao equilíbrio do crescimento, à harmonia e o desenvolvimento pessoal, promovendo inúmeros benefícios à pessoa e à sociedade.” (VALÊNCIA; MAGALHÃES, 2015, p. 8).

O profissional pode também atuar em partes do processo da biblioterapia. De acordo com Guedes (2003), o planejamento é uma das partes mais essenciais, porque possibilita o controle das atividades e a sua avaliação posterior. Nela, é feita a seleção do material utilizado. É durante a “[...] etapa de escolha do texto que se percebe a importância da participação do bibliotecário que deve conhecer tanto os livros como os leitores, de forma a selecionar a melhor literatura (didática ou ficcional) para se atingir os efeitos terapêuticos pretendidos.” (GUEDES, 2013, p. 24). Isso pode ser exemplificado pelo que escreveu Ranganathan (2009) nas cinco leis da Biblioteconomia, para cada livro o seu leitor e para cada leitor o seu livro.

Sclabassi (1973) cita um trabalho de Russel e Shrodes que mostra que a seleção de livros não requer as habilidades de um terapeuta, mas sim a consciência que os efeitos da leitura podem ter sobre o indivíduo. Também cita um estudo de MacFarland, para quem a seleção da literatura requer apenas o bom senso.

3.5 COMPETÊNCIAS

Após o princípio taylorista de seleção e treinamento do trabalhador, o “[...] conceito de competência passou a fazer parte da retórica de muitos gerentes e adquiriu diversas conotações, sendo, não raras vezes, utilizado de maneiras distintas tanto no ambiente empresarial como no meio acadêmico.” (MCLAGAN, 1997 apud BRANDÃO, 1999, p. 23). Por isso, existem várias definições para competências, e elas vão depender da vertente da Administração que cada autor defende.

Segundo Magalhães *et al.* (1997) as competências são um “[...] conjunto de conhecimentos, habilidades e experiências que credenciam um profissional a exercer determinada função” (apud BRANDÃO, 1999, p. 23). Brandão (1999) considera essa definição restrita, porque assume que competências são relacionadas somente ao trabalho e às especificações de um cargo. Segundo o autor, essa definição se aproxima mais da que Bloom *et al.* (1979) chamam de capacidade, que é a combinação de conhecimentos e habilidades com o objetivo de alcançar determinado propósito.

Miranda (2004, p. 114) explica que competências podem ser definidas como um “[...] conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes correlacionados que afeta parte considerável da atividade de alguém e se relaciona com o desempenho. Pode ser medida segundo padrões preestabelecidos.”. Já Fleury e Fleury (2004, p. 45), demonstram que a competência está “[...] associada a verbos e expressões como: saber agir, mobilizar recursos, integrar saberes múltiplos e complexos, saber aprender, saber se engajar, assumir responsabilidades e ter visão estratégica.” Percebe-se assim que as competências são os conhecimentos, habilidades e atitudes colocados em prática para agregar valor ao trabalho.

“Para Zarifian (1996a, p. 5), competência é ‘assumir responsabilidades frente a situações de trabalho complexas [aliado] ... ao exercício sistemático de uma reflexividade no trabalho.’” (BRANDÃO, 1999, p. 23). Já para Sparrow e Bognanno (1994 apud BRANDÃO, 1999, p. 24) “[...] competências representam comportamentos identificados como relevantes para obtenção de alto desempenho em um trabalho específico, ao longo de uma carreira profissional ou no contexto de uma estratégia corporativa.”

Existem, ainda, autores que definem competência não apenas como um conjunto de qualificações que o indivíduo detém, mas também como o resultado ou efeito da aplicação dessas qualificações no trabalho. Neste caso, o resultado alcançado, ou seja, o desempenho do indivíduo no trabalho, representaria, em última instância, a sua própria competência ou uma medida desta. (BRANDÃO, 1999, p. 24)

De acordo com Durand (1998, 1999 apud BRANDÃO, 1999, p. 24) “competência diz respeito ao conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes interdependentes e necessários à consecução de determinado propósito.”.

“O conhecimento [...] inclui comportamentos e situações de teste que enfatizam a lembrança, seja por reconhecimento ou lembrança de ideias, materiais ou fenômenos.” (BLOOM *et al.*, 1956, p. 62, tradução nossa). Ele está incluído no domínio cognitivo. Já para Maximiliano (2000), conhecimentos são todas as técnicas e informações necessárias para o desempenho de um cargo. Eles são como pontos de referência para que o profissional compreenda a realidade e servem como base para desenvolvimentos de habilidades.

“Habilidades referem-se a modos organizados de operação e técnicas generalizadas para lidar com materiais e problemas.” (BLOOM *et al.*, 1956, p. 204, tradução nossa). Segundo Brandão (1999), elas estão relacionadas ao saber como fazer algo ou a capacidade de aplicar, de forma prática e produtiva, o conhecimento adquirido. Podem ser classificadas como intelectuais, quando abrangem processos mentais de organização de informações, e como motoras ou manipulativas, quando exigem mais habilidades físicas.

“As atitudes são competências que permitem às pessoas interpretar e julgar a realidade e a si próprios. As atitudes formam a base das opiniões segundo as quais outras pessoas e os fatos, as ideias e os objetos são vistos, interpretados e avaliados.” (MAXIMINIANO, 2000, p. 44). Segundo Bloom *et al.* (1956), as atitudes dizem respeito aos aspectos sociais e afetivos que estão relacionados ao trabalho. Elas são complicadas de serem classificadas com precisão porque é difícil descrever quais são os comportamentos apropriados, uma vez que os sentimentos e emoções internos são significativos para toda e qualquer atividade.

“Essas três dimensões da competência são interdependentes, uma vez que, para a exposição de uma habilidade, por exemplo, presume-se que o indivíduo conheça princípios ou técnicas específicas.” (BRANDÃO, 1999, p. 26), que estão na dimensão do conhecimento, por exemplo.

As competências podem e devem ser desenvolvidas durante a graduação. O discente que deseja trabalhar em determinado campo de atuação deve, ao longo do curso, preparar-se para desenvolver o perfil indicado e demandado pela sociedade e pelo mercado de trabalho. Assim, durante a formação, ele deve buscar desenvolver competências e produzir novos conhecimentos, com vistas a alcançar o perfil traçado pela instituição à qual está vinculado e, especialmente, perceber e atingir as expectativas e as demandas sociais. (ASSIS; SANTOS; JESUS, 2019, p. 45).

Brandão (1999) classifica as competências como humanas ou profissionais, que são aquelas relacionadas ao indivíduo ou à equipe de trabalho, e organizacionais, aquelas que dizem respeito à organização no todo. Neste estudo, serão enfatizadas as competências humanas ou profissionais do profissional que aplica a biblioterapia.

3.6 APLICADOR DE BIBLIOTERAPIA

A biblioterapia é essencialmente interdisciplinar, então ela não se limita a uma área de atuação. Pode envolver uma equipe multidisciplinar para seu exercício, na qual, cada profissional pode contribuir de formas diferentes de acordo com seus conhecimentos e competências distintas. Assim, se constrói um método mais completo que possa atender às necessidades de cada paciente, para trazer resultados mais favoráveis.

Valência e Magalhães (2015) enfatizam a imperatividade de que o trabalho biblioterapêutico seja interdisciplinar e que existem profissionais adequados para cada instituição na qual será aplicada: como o profissional de saúde para hospitais, clínicas e casas de repouso; profissionais da área da educação para creches, escolas e orfanatos; e assistentes sociais para prisões, instituições correcionais e centros comunitários.

Pereira (1996, p. 69), cita que em 1964, foi apresentado um workshop pela *Association of Hospital and Institution Libraries of the American Association* fundada pelo *National Institute of Mental Health*, no qual vários profissionais de diversas áreas chegaram à conclusão de que “[...] a Biblioterapia não pertence apenas a uma profissão e que se motivado, profissionais treinados em vários campos podem ser biblioterapeutas.”.

Porém, não há muita clareza na literatura de quais são as competências que um profissional precisa desenvolver para trabalhar com biblioterapia ou ser um aplicador de biblioterapia. Por isso, muitos pesquisadores questionam se a formação em Biblioteconomia do bibliotecário é suficiente para que ele aplique o método biblioterapêutico. “Alguns autores acham que cabe a eles, tão somente, a escolha do material empregado. Outros acham que, graças ao seu *background*, eles estão gabaritados para aplicar a biblioterapia, bastando apenas um treinamento especial.” (ALVES, 1982, p. 55).

Alves (1982, p. 56) explica que há uma dificuldade em reconhecer o bibliotecário como terapeuta, aparecendo até uma terminologia nova, *the clinical librarian* ou bibliotecário clínico. "Seria ele um profissional com conhecimento de psicologia e relações humanas, especialmente treinado para essa atividade." Em contraposição, Pereira (1996, p. 69) afirma que esse termo

foi descartado porque isso “[...] implicaria em que o bibliotecário por atitude, treinamento e experiência estaria qualificado para participar dos cuidados de reabilitação terapêuticas e paliativas de indivíduos em hospitais e instituições, embora não existisse para tanto, nenhum programa de treinamento profissional.”

A biblioterapia é considerada parte da Biblioteconomia desde 1914, de acordo com Alves (1982). Pereira (1996) identifica a origem a biblioterapia como parte da Biblioteconomia nos serviços de referência, a definindo como uma aplicação mais complexa de aconselhamento de leitura, que é uma função do bibliotecário. Esse serviço também iniciou o papel social do bibliotecário de incentivar os usuários à leitura.

Mesmo fazendo parte da Biblioteconomia, ainda nos dias atuais, falta divulgação nos cursos de graduação no Brasil. Silva e Pinheiro (2008 apud ASSIS; SANTOS; JESUS, 2019) apresentam críticas sobre a falta de disciplinas voltadas para esse campo nos cursos de graduação. O bibliotecário acaba não participando de atividades biblioterapêuticas por não ter a formação necessária para atuar profissionalmente. Mas ele também não encontra formação por falta de demanda. Pereira (1996, p. 66) explicita como a biblioterapia é negligenciada pelas faculdades de Biblioteconomia, e recomenda que no futuro, “[...] a educação continuada dos bibliotecários deverá dar oportunidade aos estudantes de considerarem e discutirem livros em situações interpessoais nas quais relacionamentos de ajuda sejam possíveis.”

Outros questionamentos foram apresentados por “Silva (2005) e Hasse (2004) [...]. Eles veem o bibliotecário como inapto para o trabalho com biblioterapia, pois se exige uma capacitação diferente do que o curso básico de Biblioteconomia exige do futuro profissional.” (GUEDES, 2013, p. 71-72).

Em relação à formação profissional, em Santa Clara, Califórnia, existem a profissão de biblioterapeuta 1 e biblioterapeuta 2. Segundo Pereira (1996), para o biblioterapeuta 1, é necessário um bacharelado em Artes, curso superior em Psicologia ou Humanidades e seis meses de experiência trabalhando no campo da saúde mental. Já para o biblioterapeuta 2, é fundamental que, além das formações para o 1, o profissional tenha mestrado e dois anos de experiência em biblioterapia. Ele também precisa ter qualidades de supervisão e habilidade para treinar o biblioterapeuta 1.

Pereira (1996) explica que para o biblioterapeuta trabalhar sozinho nos Estados Unidos, ele deveria preencher os seguintes requisitos:

1. PHD em Ciências do comportamento, Biblioteconomia, Orientação psicológica ou Enfermagem. Precisaria também de cursos nas áreas de Psicologia clínica, Literatura e de Biblioteconomia (caso não tenha a formação);
2. Um ano de experiência trabalhando meio período com biblioterapia clínica e um ano de biblioterapia institucional;
3. Um ano trabalhando em tempo integral nos campos da Saúde mental, Biblioteconomia ou Enfermagem.

De acordo com Pereira (1996), para trabalhar em cada tipo de biblioterapia, existem requisitos para a formação dos profissionais nos Estados Unidos, conforme demonstrado no quadro 2.

Quadro 2 - Requisitos profissionais para aplicar biblioterapia nos Estados Unidos

Tipo de biblioterapia	Requisitos profissionais
Biblioterapia institucional	Mestrado em Biblioteconomia, Artes, Ciência do comportamento ou Enfermagem; Realizar um número de cursos exigidos em outros campos; Um ano de experiência trabalhando meio período como biblioterapeuta na área clínica ou desenvolvimental; Um ano trabalhando em tempo integral nos campos da Saúde mental ou Enfermagem
Biblioterapia clínica	Mestrado em Biblioteconomia, Artes, Ciência do comportamento, Enfermagem, ou Orientação e Educação; Realizar um número de cursos exigidos em outros campos ou ser bacharel em Artes, com experiência equivalente.
Biblioterapia do desenvolvimento	Mestrado em Biblioteconomia ou bacharelado em Educação ou Orientação Psicológica, além de cursos em Biblioteconomia, Psicologia e Literatura; Um ano como professor orientador ou bibliotecário em tempo integral; Um ano de experiência, em meio período, como biblioterapeuta, sob supervisão; Um ano de experiência trabalhando em outro aspecto da Ciência da saúde mental, Educação ou Enfermagem em tempo integral.

Fonte: elaboração própria a partir de PEREIRA (1996, p. 71-72).

Segundo Abreu, Zulueta e Henriques (2013), o aplicador da biblioterapia precisa ter conhecimento dos benefícios e limitações da prática. As autoras explicam que a biblioterapia não serve para qualquer paciente, assim como não pode ser recomendado qualquer texto. Tudo depende das circunstâncias e necessidades do indivíduo. A escolha do texto é essencial, então para isso, o profissional deve saber as habilidades de leitura do paciente, além de conhecer a

extensão e complexidade do próprio texto. Deve entender também a idade emocional e cronológica do paciente.

Para Kinney (1962), as competências necessárias para ser um biblioterapeuta são: estabilidade emocional, saúde física, caráter, trabalhar bem em grupo, liderança, empatia, responsabilidade por suas ações, entendimento dos próprios preconceitos, ser receptivo ao aprendizado, seleção dos textos para leitura e entendimento dos processos de comunicação.

Kinney (1962) explica que o aplicador de biblioterapia precisa entender que o leitor pode estar em sofrimento e precisa ajudá-lo com seu crescimento pessoal e reconhecimento emocional. Ele necessita ter seus problemas pessoais resolvidos para que não interfiram no processo terapêutico. Também é imperativo que ele acredite no poder de mudança do ser humano.

Além disso, Kinney (1962) argumenta que para o bibliotecário atuar como aplicador de biblioterapia, ele precisa de um código ético que inclui: reconhecimento da contribuição de outros profissionais, entender a confidencialidade do processo, acreditar nos princípios democráticos básicos, entender o comportamento humano, respeitar e entender a personalidade completa (física, emocional, intelectual, cultural e social), e reconhecer a importância da influência dos fatores ambientais nos leitores.

Já para Rongione (apud PEREIRA, 1996, p. 68), as competências necessárias para o aplicador biblioterapia são “[...] estabilidade emocional, disposição para reconhecer infortúnios de outros e habilidade em oferecer ajuda, um bom ajustamento psicológico, habilidade para cooperar com outros.”.

Segundo Guedes (2013, p. 76), é importante que o grupo ou indivíduo com quem está sendo trabalhado a biblioterapia receba a informação de acordo com a sua necessidade. Para isso, “[...] o biblioterapeuta deve ter capacidade de mediar à informação útil. A característica de mediador do profissional é essencial para que a atividade seja aplicada corretamente e com sucesso frente aos seus objetivos.”.

“Se os biblioterapeutas, no futuro, praticarem profissionalmente a biblioterapia e fizerem estudos detalhados e conscientes sobre seus livros, usando sua imaginação e senso crítico, a biblioterapia certamente irá prosperar para o bem de todos os envolvidos” (PEREIRA, 1996, p. 39).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguir, serão apresentados alguns conceitos importantes para o entendimento da metodologia escolhida, a fim de concretizar o objetivo desta pesquisa, que é analisar quais são as competências necessárias para um profissional aplicar a biblioterapia.

“Pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.” (GIL, 2008, p. 26). Já para Prodanov e Freitas (2013, p. 44), pesquisa é “[...] um conjunto de ações, propostas para encontrar a solução para um problema, as quais têm por base procedimentos racionais e sistemáticos. A pesquisa é realizada quando temos um problema e não temos informações para solucioná-lo.”

Metodologia de pesquisa, por sua vez, “é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser pelo menos um ano observados para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 14).

Esta consiste em uma pesquisa exploratória, tendo como base a estrutura apresentada por Bertucci (2003, p. 46-47) quanto ao tipo. Conforme Gil (2008, p. 27), “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.” Para Prodanov e Freitas (2013), esse tipo de pesquisa tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto investigado, possibilitando sua definição e delineamento. Gil (2008, p. 27) explica que a pesquisa exploratória tem “[...] o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.”

Consiste, também, o tipo de pesquisa descritiva, com base na estrutura apresentada por Bertucci (2003, p. 46-47). Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 52), nessa tipologia, o pesquisador observa, registra, analisa e ordena os dados, mas sem interferir nos fatos. Ela “visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.” De acordo com Gil (2008, p. 28), “as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.”

As pesquisas descritivas são, juntamente com as pesquisas exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. Em sua forma mais simples, as pesquisas descritivas aproximam-se das exploratórias, quando proporcionam uma nova visão do problema. (PRODANOV; FREITAS, 2008, p. 53).

A presente pesquisa foi realizada em duas etapas. Na primeira etapa a técnica escolhida foi a pesquisa bibliográfica. Lakatos e Marconi (2003, p. 183) explicam que “a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo.”, como livros, revistas, publicações em periódicos, artigos científicos, monografias, dissertações, teses etc. Porém, ela “[...] não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.”.

Na segunda etapa realizada, para coleta dos dados, foi utilizada a entrevista estruturada. A coleta de dados é “[...] a fase do método de pesquisa, cujo objetivo é obter informações da realidade. Nessa etapa, definimos onde e como será realizada a pesquisa.” (PRODANOV; FREITAS, 2008, p. 97). Para esta pesquisa, foram desenvolvidas entrevistas. “A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional.” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 195).

O tipo de entrevista selecionada foi a padronizada ou estruturada, que de acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 197), é aquela em que o entrevistador segue um roteiro pronto previamente estabelecido, ou seja, as perguntas feitas ao entrevistado já foram determinadas antes da entrevista começar. “Ela se realiza de acordo com um formulário [...] elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano.” O objetivo da padronização, é receber dos entrevistados respostas às mesmas perguntas, sendo assim, as únicas diferenças das entrevistas são somente as respostas a serem comparadas posteriormente.

O instrumento utilizado para coletar os dados foi o formulário. Segundo Lakatos e Marconi (2003), ele é um instrumento essencial para obter informações diretamente do entrevistado. “É uma lista de questões que serão anotadas por um entrevistador, à medida que fizer suas observações ou receber respostas, numa situação face a face com a outra pessoa (o informante), ou pelo próprio pesquisado, sob sua orientação.” (PRODANOV; FREITAS, 2008, p. 111). As suas vantagens e desvantagens estão listadas no quadro 3.

Quadro 3 – Vantagens e desvantagens do formulário

VANTAGENS	DESVANTAGENS
Utilizado em quase todo o segmento da população: alfabetizados, analfabetos, populações heterogêneas etc., porque seu preenchimento é feito pelo entrevistador.	Menos liberdade nas respostas, em virtude da presença do entrevistador.
Oportunidade de estabelecer <i>rapport</i> , devido ao contato pessoal.	Risco de distorções, pela influência do aplicador.
Presença do pesquisador, que pode explicar os objetivos da pesquisa, orientar o preenchimento do formulário e elucidar significados de perguntas que não estejam muito claras.	Menos prazo para responder às perguntas; não havendo tempo para pensar, elas podem ser invalidadas.
Flexibilidade, para adaptar-se às necessidades de cada situação, podendo o entrevistador reformular itens ou ajustar o formulário à compreensão de cada informante.	Mais demorado, por ser aplicado a uma pessoa de cada vez.
Obtenção de dados mais complexos e úteis.	Insegurança das respostas, por falta do anonimato.
Facilidade na aquisição de um número representativo de informantes, em determinado grupo.	Pessoas possuidoras de informações necessárias podem estar em localidades muito distantes, tornando a resposta difícil, demorada e dispendiosa.
Uniformidade dos símbolos utilizados, pois é preenchido pelo próprio pesquisador.	

Fonte: elaboração própria a partir de LAKATOS; MARCONI (2003, p. 213).

Quanto aos critérios a serem utilizados para análise de dados em ambas as etapas, esta pesquisa utiliza a abordagem qualitativa. Nessa abordagem a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados, ela “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70). Ela difere da abordagem quantitativa por não utilizar dados estatísticos como centrais no processo de análise de um problema. Na verdade, “os dados coletados nessas pesquisas são descritivos, retratando o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Para os profissionais que seriam entrevistados, primeiramente, foram pesquisadas instituições como hospitais e asilos localizados em Brasília e entorno. Porém, depois de estabelecer contato com mais de 20 instituições, não foram encontrados profissionais que atuassem com a biblioterapia. Então, a estratégia foi alterada.

A pesquisa por profissionais que trabalham com a biblioterapia foi realizada então no Instagram, aumentando assim o limite geográfico para todo o Brasil. Primeiro foi pesquisado a palavra “biblioterapia” na ferramenta de busca do Instagram e foram obtidas muitas respostas, mas somente 15 perfis eram de profissionais que atuavam na área. Depois, foi olhada a hashtag “#biblioterapia” e foram encontrados mais 20 perfis. Desses 35 perfis, 17 pessoas responderam a mensagem de convite para entrevista, mas oito não tinham disponibilidade para participar ou pararam de responder depois disso. Por isso, apenas nove profissionais foram entrevistados.

O formulário da entrevista (Apêndice A) foi utilizado para a coleta de informações sobre os profissionais e o seu entendimento sobre o trabalho com a biblioterapia. O Apêndice A é composto por 12 perguntas divididas em três blocos. O primeiro bloco tem como função conhecer quem é o profissional, ou seja, conhecer a sua formação, em qual cidade e estado ele atua, tempo de experiência, como aprendeu a trabalhar com a biblioterapia e as características profissionais que ele julga importantes para desenvolver o trabalho. O segundo bloco visa entender para quem esses profissionais estão aplicando a prática, como ele a desenvolve e o seu entendimento sobre o tipo de biblioterapia que trabalha. E o terceiro bloco tem como função compreender quais são os conhecimentos, habilidades e atitudes que o profissional considera importantes para aplicar a biblioterapia.

As nove entrevistas foram realizadas através de ligação telefônica entre os dias 8 e 27 de novembro de 2021. As ligações foram realizadas pelo celular com viva voz ligado e gravadas em outro dispositivo. Posteriormente, elas foram transcritas para um documento no Word. Os dados coletados por meio da entrevista foram tratados utilizando a análise de conteúdo, definida por Laurence Bardin como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis infinitas) destas mensagens. (1977, p. 42).

Segundo a autora, a análise de conteúdo foi desenvolvida nos Estados Unidos e tinha como foco o Jornalismo. “O primeiro nome de facto ilustra a história da análise de conteúdo é o de H. Lasswell: fez análises de imprensa e de propaganda desde 1915 aproximadamente.” (BARDIN, 1977, p. 15).

Bardin (1977) explica que a análise de conteúdo é realizada em três etapas: a descrição, a inferência e a interpretação. A descrição consiste na enumeração das características do texto, que são resumidas após o seu tratamento. A inferência é a dedução lógica que visa entender as

causas e consequências dessas características. E a interpretação corresponde à atribuição de significado a essas características. A análise das entrevistas foi realizada de acordo com essas etapas.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

As entrevistas foram realizadas com profissionais atuantes na área da biblioterapia entre os dias 8 e 27 de novembro de 2021, via ligação telefônica. Elas foram feitas a partir do formulário de entrevista (Apêndice A), conforme mencionado nos procedimentos metodológicos.

5.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

As entrevistas foram analisadas utilizando o método de análise de conteúdo de Bardin (1977) e teve como função, conforme descrito no objetivo geral, analisar as competências necessárias para um profissional aplicar a biblioterapia.

Dos nove entrevistados, oito eram mulheres e apenas um era homem.

Em resposta à primeira pergunta, foi percebido que os profissionais entrevistados tinham formações acadêmicas distintas: cinco da área de Biblioteconomia, uma formada em Letras-Espanhol, duas em Psicologia e uma em Jornalismo.

O tempo de experiência dos profissionais foi questionado na pergunta três, e todos vêm trabalhando há pelo menos um ano com a biblioterapia: uma pessoa trabalha há mais de 10 anos, quatro pessoas trabalham há mais de cinco anos, e quatro pessoas trabalham há mais de dois anos com a biblioterapia. Todos os nove profissionais relataram que conheceram a área anos antes de começar a trabalhar nela.

Em relação à forma como aprenderam a praticar a biblioterapia, sete entrevistados fizeram cursos de formação. Uma das entrevistadas não fez curso, pois começou quando eles ainda não eram divulgados aqui no Brasil há doze anos e desenvolveu o seu próprio curso. A outra aprendeu a biblioterapia fazendo um mestrado sobre ela. Apenas três dos entrevistados conheceram a biblioterapia na faculdade. A partir dessas respostas, foi possível reconhecer vários profissionais como especialistas na área de biblioterapia e são eles: Cristiana Seixas, Carla Sousa, Galeno Amorim, Clarice Caldin e Liège Knoche.

As características profissionais importantes para um aplicador de biblioterapia foram respondidas na pergunta número cinco. Elas foram elencadas a seguir no quadro 4.

Quadro 4 – As características profissionais importantes para um aplicador de biblioterapia de acordo com o número de citações

Nº DE CITAÇÕES	CARACTERÍSTICA PROFISSIONAL
12	Ter um bom conhecimento teórico
10	Saber mediar
6	Gostar de ler Gostar de pessoas
4	Ter empatia
3	Ser um bom ouvinte Ter estabilidade emocional Sensibilidade Cuidar do outro Ser um bom observador Dar apoio emocional Saber tratar as pessoas
2	Saber se comunicar Autoconhecimento
1	Saber lidar com as diferenças Ter paciência Ter a capacidade de trabalhar em equipe Ser criativo Ser curioso Contribuir para o bem-estar do outro Ser carismático Ser humilde Ser ético Estar bem fisicamente Aprender com os erros dos outros Ter espírito dinâmico Querer contribuir para uma sociedade melhor Não se colocar como coautor Unir os aspectos femininos e masculinos

Fonte: elaboração própria

Acerca das pessoas para quem esses profissionais aplicam a biblioterapia, três deles trabalham apenas com mulheres, e cinco trabalham com grupos mistos de mulheres e homens. Sobre a faixa etária, três trabalham com todas as idades, um trabalha com jovens e adultos, dois trabalham somente com adultos e três trabalham com adultos e idosos. E desses profissionais, cinco aplicam essa biblioterapia em grupo e quatro aplicam tanto individual, quanto em grupo.

Em relação ao modo de aplicação da biblioterapia em grupo, três entrevistadas falaram que começam a sessão de biblioterapia com uma ambientação, podendo ser uma música, uma respiração com os olhos fechados ou uma poesia. Quanto a prática utilizada para iniciar a sessão

pode-se ver o exemplo do entrevistado 8, que explicou que gosta de fazer um relaxamento primeiro para inspirar, expirar, sentir a leitura, relaxar e colocar os pés no chão. Isso pode variar de acordo com o livro e também faz uso de uma música como um fundo musical. Também pode-se ver o exemplo da entrevistada 4:

Então isso é muito do particular, então a minha aplicação dessa forma, eu leio poesia, geralmente né? Leio poesia ou declamo, dependendo do caso. Leio a poesia, coloco uma música e daí às vezes, daí depois eu faço, eu gosto muito de colocar assim, tipo instrumental quando eu tô lendo uma poesia. Para tipo, envolver mais a pessoa, né? E peço para fechar os olhos, mas não é obrigado a fechar os olhos também, que tem gente que não gosta. (entrevistada 4).

Na parte da leitura, somente um dos entrevistados falou que faz tanto a leitura dos textos para as pessoas para quem aplica, quanto as convida para fazer a leitura, mas que isso depende do tipo de evento. “No sarau a gente pega os livros [...] cada um pega o seu. E aí cada um lê, porque a gente [...] escolhe um tema e aí a pessoa traz, ela quer ler. É muito, muito legal quando a pessoa quer ler, mas nada é obrigatório, é só um convite. A pessoa aceita se ela quiser.” (entrevistado 7).

Os outros oito profissionais, responderam que preferem fazer a leitura, porque isso democratiza o acesso à biblioterapia e permite que pessoas com problemas de visão ou analfabetas participem.

Eu sempre leio junto. Na verdade, eu não tenho essa, como é que eu posso dizer? Essa exigência da pessoa ler. É desde sempre, assim, desde quando eu comecei a aplicar a biblioterapia que eu sempre me coloquei como essa leitora, né? Essa pessoa que lê para o outro e nunca exige leitura prévia. Nem durante os encontros a pessoa não precisa ler. Eu não disponibilizo os textos para ler junto. E outra coisa, mesmo que a pessoa não saiba ler, ela pode participar dos meus encontros sem problema nenhum. Isso não é um critério para participar. (entrevistado 5).

Todos os entrevistados responderam que o texto ou livro que será trabalhado pela biblioterapia é escolhido de acordo com as demandas do grupo, e que para isso, é necessário ter conhecimento sobre a literatura e sobre as pessoas que estão participando da sessão.

Então, assim, o mais difícil é a gente selecionar um texto. Eu brinco com as meninas do grupo que tem semana, parece que o encontro não vai sair. Eu falo que é tão engraçado que quando eu acompanhei muito o trabalho da Cidinha Pardini, de São Paulo também, que ela faz no trabalho maravilhoso, eu era voluntária do grupo dela. Aí falaram que o que que tinha pra ser mediadora. Aí a falaram que o primeiro a história é o livro que nos escolhe, né? Aí tem semana, é, que eu tô aqui na minha casa, eu tenho mais de 200 livros meus, de biblioterapia fora do projeto. Aí tem dias que você fica lá, você fica horas, respira e não vem nada. Aí é não, eu gosto disso aqui não, mas não é hoje, esse

não vai. Aí, você demora, tem uma semana, gente amanhã é segunda-feira, mas o nosso encontro ainda não fluiu. Tem que sentir segurança naquilo que você vai levar para o encontro. Então, o primeiro texto te toca e tem que fazer sentido para você, aí você sentiu segurança naquilo, fez sentido? Você pode ter certeza, quando você leva para o encontro, uma pessoa vai falar com você assim, eu precisava ouvir isso hoje. (entrevistado 8).

Depois da leitura, todos os profissionais disseram que abrem para o grupo conversar sobre o tema e sobre o que acharam do livro. Uma das entrevistadas, teve a ideia de levar para as sessões um instrumento para representar a vez de quem está falando, para organizar melhor as trocas e todo mundo poder participar. Ela explica:

Daí depois de contar a história, aí eu pego e passo o instrumento, né? Que seria no caso, é, nesse caso foi a garrafa, o exemplo da garrafa, mas assim pode ser outra coisa, um objeto que eu passo para pessoas. É teve um caso que eu usei a bola, né? Dependendo da história que eu contava, eu usava um objeto relacionado a história, né? Daí essa pessoa segura, e daí se ela quer falar alguma coisa, ela fala, se ela não quer, ela passa para frente. (entrevistado 4)

Três dos entrevistados contaram que fazem dinâmicas com o grupo para estimular a interação.

Por exemplo: quando eu contei a história do lobo mau para as criancinhas lá, eu fiz a brincadeira de como é que tá o lobo mau, né? Aí tem que fazer a roda e falar “eu sou o Lobo Mau agora”. Daí corre uma atrás da outra, então isso eu fiz para criança pequena, né? Já pra adulto, eu fiz outras coisas, né? Então, eu sempre gosto de ter essa ordem pra ficar uma coisa mais dinâmica. E eu nunca obrigo ninguém a nada. (entrevistado 4).

A entrevistada 5 também deu outro exemplo de aplicação de dinâmicas:

Então a prática da biblioterapia, sempre é a partir do texto, a gente promove interação. Não necessariamente é uma discussão com perguntas, sempre existe o momento da interação, isso é fundamental, né? Mas eu sempre faço de uma forma criativa. Então, depois da partilha do texto literário, aí eu sempre proponho alguma atividade e aí pode ser de forma variada e tem que estar atrelado ao texto literário, né? Nunca é uma atividade solta, nunca é uma atividade aleatória. É sempre algo que está atrelado ao texto e isso é, eu comecei, eu faço, né, porque é algo que estimula a interação a partir do texto literário. (entrevistado 5).

Nas sessões individuais, as duas profissionais que aplicam a biblioterapia em consultório psicológico, falaram que a partir das situações que os pacientes vão trazendo, elas vão trazendo trechos de livros e textos que podem contribuir para a situação. Elas também explicaram que passam trechos de livros como recomendação de leitura.

Vou te dar um exemplo do que aconteceu ontem: uma pessoa que foi assim, ressecada por anos e anos de trabalho numa empresa que cobrava uma postura muito masculina dela, de dar resultado, de fazer acontecer, e essa mulher está

querendo resgatar o feminino. E aí, para resgatar o feminino, a gente vai resgatando também, o que deixa a alma dela leve, né? Se ela está ressecada, o que que irriga essa criatura? E aí a gente descobriu que era dança, e que há muito tempo ela não dançava, então eu peguei um livro que, infantil e juvenil, uso muito infantil e juvenil para todas as idades, que se chama “Dora dança”. [...] Nossa, quando eu mostrei esse livro, foi ontem, para a pessoa, ela ficou em estado assim, de choque e encantamento ao mesmo tempo, sabe? É isso que eu acho que é o princípio ativo da literatura. Através desse convite lúdico, né? A gente baixa a guarda, por que o que que pode um livrinho? E aí, quando você vê essa história, vai com a pessoa pro resto da vida, né? Porque ela, essa cliente aí, nunca mais entra em contato comigo, a Dora vai com ela. E muito provavelmente, eu tenho quase certeza que na semana que vem ela vai me contar o quanto que ela dançou mais e que, o que que isso foi provocando no cotidiano dela. (entrevistado 6).

Os livros, eu tenho pacientes, por exemplo, individuais. Às vezes eu recomendo uma leitura de um trecho, às vezes mando pra ele só um trecho para que ele leia e tenta depois em uma outra sessão, a gente conversa sobre isso. Às vezes surge no meio da conversa, algo que me lembra um determinado autor, um determinado poema, daí eu venho aqui, busco e leio. (entrevistada 7).

Outra profissional que trabalha com a sessão individual de biblioterapia, explicou que trabalha mais com recomendação de livros para as situações que essas pessoas estão passando.

Agora, o individual, eu não atuei entrando em outras áreas, como por exemplo, um psicólogo faz. Porque isso não é da nossa competência, né, apesar de eu ser também terapeuta holística, mas é tem mais essa formação ainda, também sou terapeuta holística. Mas assim, é mais conversando, aí a pessoa “nossa, é que eu queria um livro que falasse sobre o meu problema, vamos ver”. Aí eu “por que tu não lê tal livro?”. Aí depois a pessoa me deu um feedback, mas não foi cobrando, não fui um serviço pago. (entrevistado 9)

No que concerne o tipo de biblioterapia aplicada pelos profissionais, sete trabalham com a biblioterapia de desenvolvimento. Esses profissionais explicaram que esse tipo de biblioterapia auxilia as pessoas a melhorarem o seu autoconhecimento e a se identificarem com as histórias e com outros participantes que passaram ou estão passando pelo mesmo que elas. A biblioterapia de desenvolvimento é praticada por profissionais que não tem necessariamente capacitação terapêutica, podendo ser formados em qualquer área do conhecimento. Os outros dois profissionais trabalham com a biblioterapia clínica, que é a aplicada em consultórios psicológicos e trabalha exatamente os problemas que as pessoas estão passando. A biblioterapia de fruição por dois profissionais foi um outro tipo identificado e tem como objetivo distrair e divertir as pessoas, levá-las para o caminho contrário das suas dores.

Sobre o terceiro bloco de perguntas, que tinham como intuito analisar as competências em si que os profissionais julgam importantes para aplicar a biblioterapia, foi observado que os

entrevistados não sabiam a diferença entre conhecimento, habilidade e atitude e isso impactou na qualidade das respostas.

Os conhecimentos importantes para um aplicador de biblioterapia foram respondidas na pergunta um. Eles foram elencados a seguir no quadro 5.

Quadro 5 – Os conhecimentos importantes para um aplicador de biblioterapia de acordo com o número de citações

Nº DE CITAÇÕES	CONHECIMENTO
7	Embasamento teórico
6	Buscar conhecimentos atualizados
4	Leitura Noção de literatura Conhecer os assuntos do seu interesse
3	Formação técnica Mediação de leitura Saber lidar com pessoas Saber reconhecer o potencial terapêutico do texto
2	Conhecimentos na área de humanas Conhecer os limites do tipo de biblioterapia que vai aplicar Planejar a prática Ser um bom profissional
1	Organizar as leituras Presença Conectar as histórias do livro com histórias da vida Conhecer os especialistas da área Saber usar plataformas digitais Escuta ativa Autoconhecimento Conhecer seu público-alvo Saber como é participar de uma sessão de biblioterapia Saber discernir quando uma história é problemática Humildade Entender o seu propósito Falar em público Paciência Simpatia Saber oferecer ajuda Se esvaír de certezas Estar atento a lançamento de livros

Fonte: elaboração própria

As habilidades essenciais para um aplicador de biblioterapia foram respondidas na pergunta dois. Elas foram elencadas a seguir no quadro 6.

Quadro 6 – As habilidades essenciais para um aplicador de biblioterapia de acordo com o número de citações

Nº DE CITAÇÕES	HABILIDADE
6	Saber lidar com pessoas
5	Planejar a prática
3	Falar em público Escuta ativa Contação de histórias Organizar as leituras Empatia Acolher o outro
2	Compaixão Sensibilidade Resiliência Imparcialidade
1	Curiosidade Escrita criativa Flexibilidade Coragem Criatividade Respeito Resumir as histórias Conectar as histórias do livro com histórias da vida Ser humano Ousadia Não induzir ninguém a resposta Ter vontade de se atualizar

Fonte: elaboração própria

As atitudes necessárias para um aplicador de biblioterapia foram respondidas na pergunta três. Elas foram elencadas a seguir no quadro 7.

Quadro 7 – As atitudes necessárias para um aplicador de biblioterapia de acordo com o número de citações

Nº DE CITAÇÕES	ATITUDE
6	Imparcialidade
5	Escuta ativa Acolhimento Observação
4	Flexibilidade Neutralidade
3	Empatia Disponibilidade para o outro
2	Coragem Perspicácia
1	Presença Estabilidade emocional Criatividade Paciência Amor ao trabalho Adaptação

Fonte: elaboração própria

A partir da análise dessas entrevistas foi possível reunir as competências que os profissionais consideram essenciais para aplicar a biblioterapia. Também possibilitou perceber que a formação para ser um aplicador de biblioterapia é diversa, já que os profissionais fizeram sua formação acadêmica em áreas distintas, então bibliotecários podem ser aplicadores, desde que entendam o tipo de biblioterapia que vão aplicar e os limites da prática. Além disso, as entrevistas possibilitaram o entendimento de como a biblioterapia é realizada na prática, reconhecer os especialistas da área e ainda as características profissionais necessárias para aplicar o processo biblioterapêutico.

6 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

O intuito do presente trabalho foi analisar as competências necessárias para um profissional aplicar a biblioterapia, já que isso não foi identificado na literatura. Além disso, ter clareza dessas competências pode contribuir para que os discentes de Biblioteconomia que se interessam pela área possam conhecer melhor as suas exigências e buscar se capacitar de forma adequada ainda na graduação.

No que diz respeito aos objetivos específicos, constatou-se que os conceitos e definições de biblioterapia são diversos e não tem consenso entre si. Vários conceitos foram surgindo ao

longo do tempo por diversos autores como Tews (1962), Caldin (2001a), Ferreira (2003), Ouaknin (2016) e Sousa, Santos e Ramos (2013). Porém, todos os autores concordam quanto ao efeito terapêutico da literatura.

Já em relação a entender se o bibliotecário pode ser um aplicador de biblioterapia, foi percebido que a biblioterapia é um campo abrangente quanto à formações profissionais, principalmente quando se trata da biblioterapia do desenvolvimento, que “objetiva o desenvolvimento das potencialidades emocionais, sociais e intelectuais dos indivíduos, além de uma avaliação do próprio indivíduo sobre sua situação na perspectiva do outro.” (RUBIN, 1978 apud ABREU; ZULUETA; MARQUES, 2013). Profissionais de todas as áreas do conhecimento podem aplicá-la, inclusive bibliotecários. Já a biblioterapia clínica “é aquela que toca na ferida, dialoga com ela, ressignifica-a e busca incorporá-la e cicatrizá-la.” (SEIXAS, 2018, p. 93). Ela é aparentemente mais desenvolvida pelos profissionais da área da saúde mental, como a Psicologia. O bibliotecário não pode aplicá-la sozinho, a não ser que faça formação em Psicologia ou Psiquiatria. Sem isso, ele pode somente participar com outros profissionais que atuam na área da saúde mental, como psicólogos e psiquiatras.

Quanto a descrever o que são competências, o conceito está bem estabelecido na literatura. Segundo Magalhães *et al.* (1997) as competências são “[...] conjunto de conhecimentos, habilidades e experiências que credenciam um profissional a exercer determinada função.” (apud BRANDÃO, 1999, p. 23). Para Maximiniano (2000), conhecimentos são todas as técnicas e informações necessárias para o desempenho de um cargo. Eles são como pontos de referência para que o profissional compreenda a realidade e servem como base para desenvolvimentos de habilidades. As habilidades “[...] referem-se a modos organizados de operação e técnicas generalizadas para lidar com materiais e problemas.” (BLOOM *et al.*, 1956, p. 204, tradução nossa). “As atitudes são competências que permitem às pessoas interpretar e julgar a realidade e a si próprios. As atitudes formam a base das opiniões segundo as quais outras pessoas e os fatos, as ideias e os objetos são vistos, interpretados e avaliados.” (MAXIMINIANO, 2000, p. 44).

Após analisar o conteúdo das respostas dos entrevistados atuantes na área de biblioterapia relativo às competências necessárias para o desenvolvimento dos trabalhos, concluiu-se que eles sabiam o que eram competências profissionais, mas não conseguiam diferenciar de forma satisfatória conhecimentos, habilidades e atitudes, mesmo com os conceitos explicados nas perguntas do formulário. Isso impactou na qualidade das respostas. Por isso, após analisar todas

as competências respondidas, elas foram organizadas no quadro 8, correspondendo agora a suas devidas categorias.

Quadro 8 – Competências indicadas pelos entrevistados para um profissional aplicar a biblioterapia

CONHECIMENTOS	Embasamento teórico Buscar conhecimentos atualizados Leitura Noção de literatura Conhecer os assuntos do seu interesse Formação técnica Saber reconhecer o potencial terapêutico do texto Conhecimentos na área de humanas Conhecer os limites do tipo de biblioterapia que vai aplicar Conhecer os especialistas da área Saber usar plataformas digitais Autoconhecimento Conhecer seu público-alvo Saber como é participar de uma sessão de biblioterapia Saber discernir quando uma história é problemática Entender o seu propósito Se esvaír de certezas Estar atento a lançamento de livros
HABILIDADES	Mediação de leitura Saber lidar com pessoas Planejar a prática Organizar as leituras Escuta ativa Ser um bom profissional Falar em público Saber oferecer ajuda Contaçon de histórias Escrita criativa Resumir as histórias Conectar as histórias do livro com histórias da vida Não induzir ninguém a resposta Ter vontade de se atualizar Observação Estabilidade emocional
ATITUDES	Presença Humildade Paciência Simpatia Imparcialidade Acolhimento Flexibilidade Neutralidade

	Empatia Coragem Perspicácia Criatividade Amor ao trabalho Adaptação Ousadia Ser humano Respeito Curiosidade Compaixão Sensibilidade Resiliência Disponibilidade para o outro
--	---

Fonte: elaboração própria

Porém, não houve consenso entre os profissionais e muitas das competências citadas no quadro 4, foram citadas por apenas um profissional. Por isso, percebeu-se a necessidade de sintetizar melhor as respostas. Os conhecimentos, habilidades e atitudes que foram citados por pelo menos dois entrevistados foram apresentados no Quadro 9.

Quadro 9 – Competências necessárias para um profissional aplicar a biblioterapia

CONHECIMENTOS	Embasamento teórico Buscar conhecimentos atualizados Leitura Noção de literatura Conhecer os assuntos do seu interesse Formação técnica Saber reconhecer o potencial terapêutico do texto Conhecimentos na área de humanas Conhecer os limites do tipo de biblioterapia que vai aplicar
HABILIDADES	Mediação de leitura Saber lidar com pessoas Planejar a prática Organizar as leituras Ser um bom profissional Falar em público Escuta ativa Contação de histórias Conectar as histórias do livro com histórias da vida
ATITUDES	Imparcialidade Acolhimento Observação Flexibilidade Neutralidade Empatia Disponibilidade para o outro Coragem Perspicácia Presença Criatividade Paciência Compaixão Sensibilidade Resiliência

Fonte: elaboração própria

Conclui-se então que existem competências que são necessárias para fazer um bom trabalho como aplicador de biblioterapia. Conhecê-las pode facilitar para que os alunos de graduação em Biblioteconomia se interessem e busquem atuar na área com mais segurança, sabendo os conhecimentos, habilidades e atitudes que precisam desenvolver para fazer um bom trabalho. Dessa forma, eles podem buscar desenvolver essas competências ainda na Universidade.

Enfim, espera-se que o presente estudo possa contribuir para novas pesquisas de modo a enriquecer a discussão sobre a biblioterapia, um campo que pode e deve ser apropriado pela Biblioteconomia.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. C.; ZULUETA, M. A.; HENRIQUES, A. Biblioterapia: estado da questão. **Cadernos BAD (Portugal)**, n. 1/2, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/82157>. Acesso em: 27 fev. 2021.
- ALVES, M. A. M. Biblioterapia: uma experiência inovadora no curso de biblioteconomia da unirio. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 2065-2077, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/3490>. Acesso em: 27 fev. 2021.
- ALVES, Maria helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.15, n.1/2, p.54-61, jan./jun. 1982.
- ASSIS, P. O.; SANTOS, R. R.; JESUS, I. P. Biblioterapia como um campo de atuação para o bibliotecário: perspectivas dos discentes de biblioteconomia da ufba. **Biblionline**, v. 15, n. 1, p. 41-53, 2019. DOI: [10.22478/ufpb.1809-4775.2019v15n1.44808](https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4775.2019v15n1.44808). Acesso em: 27 fev. 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977. 229 p.
- BERTUCCI, Janete Lara de Oliveira. **Metodologia básica para elaboração de Trabalhos de conclusão de curso (TCC): ênfase na elaboração de TCC de pós-graduação lato sensu**. São Paulo: Atlas, 2008. 116p.
- BLOOM, Benjamin S. *et al.* **Taxonomy of educational objectives: the classification of educational goals**. Londres: Longman, 1956.
- BRANDÃO, Hugo P. **Gestão baseada nas competências: um estudo sobre competências profissionais na indústria bancária**. 1999. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 1999. 158 p.
- CALDIN, Clarice. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, 2001, p. 32-44. Disponível em <http://www.encontros-bibli.ufsc.br>. ISSN 1518-2924. Acesso em: 27 abr. 2011.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **A poética da voz e da letra na literatura infantil: leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças**. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001, 323 p.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 35-47, 2003.
- FERREIRA, F. B.; GARCIA, J. C. R. Interfaces entre a biblioterapia e a responsabilidade social do bibliotecário. **Revista Conhecimento em Ação**, v. 3, n. 2, p. 107-119, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/109290>. Acesso em: 27 fev. 2021.

FLEURY, Maria Tereza Leme; FLEURY, Afonso Carlos Correa. Alinhando estratégia e competências. **Revista de administração de empresas**, v. 44, n. 1, p. 44-57, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GUEDES, Mariana Giubertti. **A biblioterapia na realidade bibliotecária no Brasil: a mediação da informação**. 187 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

KINNEY, Margaret M. The Bibliotherapy Program: Requirements for Training. **Library Trends**, oct., 1962. p. 127-135.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas 2003. 310 p.

LAURENCE, Bardin. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977. 225 p.

MAXIMINIANO, A. C. A. **Introdução à Administração**. 5. ed. rev., ampl. São Paulo: Atlas, 2000. 535 p.

MIRANDA, Silvânia Vieira. Identificando competências informacionais. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 112-122, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1053>. Acesso em: 1 maio 2021.

OLIVEIRA, L. R. *et al.* Biblioterapia: uma experiência de ler e contar histórias para pessoas hospitalizadas. **Extensio: R. Eletr. de Extensão**, Florianópolis, ano 8, n. 12, p. 44-60, 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Depression and Other common mental disorders: global health estimates**. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/depression-global-health-estimates>. Acesso em : 16 maio 2021.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia: ler es sanar**. México: Oceano Travesía, 2016. 482 p.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia: proposta de leitura para portadores de deficiência visual em Bibliotecas públicas**. João Pessoa: UFPB, 1996. 105 p.

PINTO, V. B. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, v. 17, n. 1, p. 31-43, 2005. DOI: [10.1590/S0103-37862005000100003](https://doi.org/10.1590/S0103-37862005000100003) Acesso em: 27 fev. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2.ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013. 277 p.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Tradução de Tarcisio Zandonade. Brasília: Briquet de Lemos, 2009. 336 p.

RATTON, N. M. L. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 4, n. 2, 1975. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/73237>. Acesso em: 27 fev. 2021.

RUDAKOFF, Ana Lúcia Sobrinho. **Biblioterapia**. São Luís: [s.n.], 2014. 47 p .

SCLABASSI, S. H. Literature as a therapeutic tool: a review of the literature in bibliotherapy. **American Journal of Psychotherapy**, v. 27, n. 2, 70-77, 1973.

SEIXAS, C. G. S. **Vagar sem pressa no esconderijo da vida alada**: em busca da alma na educação. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2018.

SOUSA, C. Biblioterapia como recurso para a formação humana do bibliotecário. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 23, n. 3, p. 362-371, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/109176>. Acesso em: 27 fev. 2021.

SOUSA, C.; CALDIN, C. F. Biblioterapia: o quiasma entre as ciências. **Informação & Informação**, v. 22, n. 3, p. 484-501, 2017. DOI: [10.5433/1981-8920.2017v22n3p484](https://doi.org/10.5433/1981-8920.2017v22n3p484) Acesso em: 27 fev. 2021.

SOUSA, T. C. S; SANTOS, A. P.; RAMOS, R. B. T. Ações e projetos de biblioterapia: uma revisão de literatura brasileira. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais [...]** – Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1500>. Acesso em: 13 abr. 2021.

VALENCIA, M. C. P.; MAGALHÃES, M. C. Biblioterapia: síntese das modalidades terapêuticas utilizadas pelo profissional. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 29, n. 1, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/23197>. Acesso em: 27 fev. 2021.

APÊNDICE

APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE ENTREVISTA PARA IDENTIFICAÇÃO DE COMPETÊNCIAS

Sobre o entrevistado

- 1) Qual é a sua formação acadêmica?
- 2) Há quanto tempo você trabalha com a biblioterapia?
- 3) Como você aprendeu a fazer biblioterapia?
- 4) Você fez algum curso de formação ou capacitação para desenvolver o trabalho de biblioterapeuta? Onde?
- 5) Quais são as características que você possui que contribuem para o desenvolvimento do seu trabalho como biblioterapeuta?

Sobre os pacientes

- 1) Quem são os pacientes/clientes/pessoas que você atende?
- 2) A biblioterapia é desenvolvida individualmente ou em grupo?
- 3) Como você desenvolve a prática? Você lê junto com o paciente/cliente/pessoa ou o deixa ler sozinho?
- 4) Você sabe qual é o tipo de biblioterapia que você aplica? Explique.

Competência entendida como conhecimentos, habilidades e atitudes

- 1) Considerando que conhecimento pode ser definido como “todas as técnicas e informações necessárias para o desempenho de um cargo. Eles são como pontos de referência para que o profissional compreenda a realidade e servem como base para desenvolvimentos de habilidades”, quais são os conhecimentos você julga importantes para aplicar a biblioterapia?
- 2) Considerando que habilidade pode ser definida como “saber como fazer algo ou a capacidade de aplicar, de forma prática e produtiva, o conhecimento adquirido”, quais são as habilidades você julga importantes para aplicar a biblioterapia?
- 3) Considerando que atitude pode ser definida como “competências que permitem às pessoas interpretar e julgar a realidade e julgar a realidade e a si próprios. As atitudes formam a base das opiniões segundo as quais outras pessoas e os fatos, as ideias e os

objetos são vistos, interpretados e avaliados”, quais são as atitudes que você julga importantes para aplicar a biblioterapia?